

Entre o Sublime e o Belo: As Representações Estéticas Sobre o Rio Araguaia

Eliezer Cardoso de Oliveira¹, Carla Ediene da Silva Alves², Maria de Fátima Oliveira³

RESUMO

O objetivo deste artigo é analisar as representações estéticas sobre o Rio Araguaia. A hipótese é que as narrativas de cunho estético sobre o rio, vigentes no século XIX até a primeira metade do século XX, valiam-se da estética do sublime; após a segunda metade do século XX, quando a natureza tornou-se, para utilizar uma expressão de Anthony Giddens, humanizada, os relatos estéticos sobre o rio realçaram a beleza bucólica. A reflexão sobre o belo e o sublime apoiou-se nos textos de Edmund Burke e Emmanuel Kant; sobre a representação da natureza, utilizou-se textos de Georg Simmel e Keith Thomas. As fontes para a análise das representações foram relatos (como os de Conde de Castelnau, Couto de Magalhães, Jacintho Lacomme e Hermano Ribeiro da Silva) e canções sobre o rio Araguaia (compostas por Tião Carreiro e Pardinho, Irmãs Freitas, Marcelo Barra e Amauri Garcia)..

Palavras-Chave: Rio Araguaia; Belo; Sublime; Natureza.

¹ Doutor em Sociologia pela Universidade de Brasília, Professor efetivo do curso de História e do Mestrado em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado, da Universidade Estadual de Goiás (Anápolis). Email: ezi@uol.com.br

² Mestre em Ciências Sociais e Humanidades pelo programa de pós-graduação Território e Expressões Culturais do Cerrado (TECCER) pela Universidade Estadual de Goiás. Tutora presencial no curso de Pós Graduação em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar pela UNB EAD. Docente na Educação Básica de Goiás e no curso de pedagogia da faculdade Fama Anápolis. Email: carlaedieni@hotmail.com

³ Doutora em História pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Docente do Programa de Mestrado Interdisciplinar Territórios e Expressões Culturais no Cerrado (TECCER) e do Curso de Licenciatura em História da Universidade Estadual de Goiás (UEG). Email: proffatima@hotmail.com

INTRODUÇÃO

O belga Jean François Duliez (1903-1987) foi um importante músico, arranjador, compositor, intérprete e maestro com sólida carreira na Europa e no Brasil. Ele viveu em Goiás, entre os anos de 1954 e 1965, sendo responsável por dinamizar a cultura musical na cidade de Goiânia. Em 1961 naturalizou-se brasileiro, alterando o seu nome para João Francisco Duliez do Araguaia⁴. Duliez, como um homem culto e viajado, conheceu os mais famosos rios da Europa, mas ficou tão fascinado pela beleza do Araguaia, ao ponto de assimilá-lo ao seu novo nome.

Não foi apenas Duliez que ficou encantado pelo Rio Araguaia. Todos os anos, principalmente nas férias de julho, milhares de turistas acampam nas areias brancas na margem do rio. O rio é conhecido como a “praia dos goianos”, constituído num forte elemento identitário do Estado de Goiás, ao ser referenciado em músicas, comerciais de TV e representações literárias⁵.

Contudo, essa representação do rio Araguaia que enfatiza as suas belezas naturais foi constituída historicamente. Em grande parte do século XIX, o rio era visto, ao menos pelas autoridades políticas da província de Goiás, como um importante meio de circulação de mercadorias que promoveria o desenvolvimento econômico da região. Nesse sentido, a proposta desse artigo é fazer uma arqueologia dessas representações estéticas sobre o rio, tendo como hipótese que a sua valorização está relacionada a uma nova consciência estética que emergiu na Europa a partir da disseminação da categoria do sublime.

Os seres humanos não se relacionam com a natureza apenas em termos de aproveitar de modo equilibrado ou não os recursos naturais (uma perspectiva utilitarista) ou em termos de um enfrentamento da natureza (uma perspectiva depredatória); humanos usufruem-na também em termos estéticos. Portanto, a compreensão da natureza como objeto de deleite estético, apesar de usualmente subestimada pelos estudiosos das ciências humanas, torna-se de fundamental

⁴ Márcia Terezinha Brunatto Bittencourt. “A presença de Jean François Duliez na música em Goiás”. (Dissertação de Mestrado em Música na Escola de Música e Artes Cênicas, Universidade Federal de Goiás, 2008), 45.

⁵ Carla Edieni da Silva Alves. “Rio Araguaia: de Utopia de Salvação à Praia dos Goianos”. (Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais e Humanidades, Universidade Estadual de Goiás, 2017).

importância, principalmente no ambiente da modernidade, em que a estética se torna um importante fator nas relações econômicas e sociais.

O artigo é dividido em duas partes: na primeira, fez-se uma breve apresentação da categoria do sublime e do belo e sua influência para o surgimento de uma nova representação da natureza; na segunda, procedeu-se a análise de narrativas que conferem uma representação estética ao Rio Araguaia.

A NATUREZA SUBLIME E BELA

O sublime é uma categoria conhecida desde a Antiguidade, mas ganhou a sua feição moderna a partir do século XVIII, quando foi associado diretamente as coisas da natureza. Em Longino, num escrito do século III, denominado *Do Sublime*, essa categoria é apresentada como um elemento da eloquência e da poesia, ou seja, como uma capacidade discursiva de encantar os ouvintes e leitores por meio de um texto ou fala sublime. O texto de Longino foi traduzido em francês por Nicolas Boileau, em 1674, provocando o interesse de algumas das mentes mais férteis do Iluminismo para essa categoria estética.

Em 1712, numa obra denominada “Os prazeres da imaginação”, o inglês Joseph Addison, pela primeira vez, utiliza o sublime para caracterizar determinados aspectos da natureza, como o “campo aberto, os desertos intocados, os gigantescos cumes de montanhas, os precipícios ou a vastidão do mar” que se constituiriam em fonte de prazer por incitar a ideia de liberdade na mente humana, uma vez que “o que é grande demais forçaria a imaginação a ir além de seus limites” fazendo o indivíduo sentir-se livre⁶.

Essa abertura do Iluminismo ao sublime está relacionada às transformações sociais e culturais que a Europa vivenciou desde o Renascimento. O heliocentrismo copernicano abriu um caminho analítico para desvalorizar o homem diante da imensidão do cosmo. Percebeu-se a pequenez humana diante do poder das forças da natureza que “ganha a imensidão dos espaços, com as descobertas astronômicas, e a

⁶ Pedro Sússekind. *Posfácio, Schiller e a atualidade do sublime*. In. *Friedrich Schiller: do sublime ao trágico*. (Belo Horizonte: Autêntica, 2011), 81.

imensidão do tempo, com as descobertas geológicas sobre a antiguidade da Terra”⁷
Nesse contexto, aliado a descoberta de novas terras, há um estímulo para apreciar a natureza longe dos lugares civilizados. De acordo com Remo Bodei

O nascimento do sublime moderno está assim ligado à consciência dos destinos, entrelaçados e ao mesmo tempo separados, da natureza e do ser humano que descobriu o “progresso”. Do ponto de vista do sublime, não se trata tanto de dominar e humilhar a natureza, mas também (e por compensação) de conhecê-la e elevá-la na nossa consideração, resguardando intacto o seu poder e sua majestade⁸.

Esse poder e majestade da natureza era apreciado em lugares longínquos que se constituíam numa potencial ameaça à sobrevivência humana, como os picos das altas montanhas, as grandes geleiras, os solitários desertos e a imensidão do oceano. Foi nessa época, informa o mesmo autor, que surgiu um verdadeiro culto aos Alpes, o desejo de escalar vulcões e de encontrar ruínas de cidades antigas abandonadas.

Essa nova sensibilidade diante da natureza inspirou uma reflexão que diferenciava o sublime, um sentimento estético diante da natureza ameaçadora, do belo, um sentimento estético diante da natureza amigável. Destacam-se, nesse aspecto, o texto do inglês Edmund Burke, denominado *Uma investigação filosófica sobre a origem de nossas ideias do sublime e do belo*, publicado em 1757; e o texto da juventude de Emmanuel Kant *As observações sobre o sentimento do belo e do sublime*, publicado em 1764. As duas obras são documentos de uma nova concepção em relação à natureza a partir da consciência da estética do sublime.

Para Burke, duas paixões determinam o destino do ser humano: a paixão de viver em harmonia com a sociedade, o que resulta em várias fontes de prazer; e a paixão de lutar pela sobrevivência individual, o que resulta na consciência de dor e de perigos. Essas duas paixões explicam a origem do sentimento do belo e do sublime. O belo é a materialização do desejo de viver de modo agradável em sociedade, conforme a definição do autor.

Chamo a beleza de uma qualidade social, porque toda vez que a contemplação das mulheres e dos homens, e não somente deles, quando a visão de outros animais nos proporciona uma sensação de alegria e prazer (...), somos tomados

⁷ Eliézer Oliveira. *Estética da catástrofe: cultura e sensibilidades*. (Goiânia, Editora da UCG, 2008), p. 32.

⁸ Remo Bodei. *As formas da beleza*. Trad. Antônio Angonese. (Bauru: Edusc, 2005), 117.

de sentimentos de ternura e de afeição por suas pessoas, gostamos de tê-las ao nosso lado e iniciamos de bom grado uma espécie de intimidade com elas⁹.

Ao contrário do belo que traz um agradável sentimento de alegria, o sublime inspira sentimentos contraditórios. De acordo com Burke

Tudo o que seja de algum modo capaz de incitar as ideias de dor e de perigo, isto é, tudo que seja de alguma maneira terrível ou relacionado a objetos terríveis ou atua de um modo análogo ao terror constitui uma fonte do sublime¹⁰.

É importante destacar que o sublime aparece apenas com a *ideia* de dor e perigo e não com a dor e o perigo real. Contemplar, em segurança, um tigre caminhando lentamente pela floresta, produz o sentimento do sublime, mas uma pessoa que, desventuradamente, estivesse prestes a ser devorada pelo felino, sentir-se-ia apenas o terror absoluto. O sublime ocorre porque o sujeito sente ao mesmo tempo medo e admiração instigado por determinados objetos.

Alguns elementos da natureza são fontes de poder e grandeza e, por isso, acarretam o aparecimento do sublime. Burke mostra vários exemplos de elementos da natureza que possibilitam o sublime:

A floresta tenebrosa e as vastidões uivantes, na forma do leão, do tigre, da pantera ou do rinoceronte.

O ruído de cachoeiras, tempestades ululantes, trovão ou artilharia [que] provocam no espírito um sentimento grandioso e aterrador.

Os tons raivosos de animais selvagens podem igualmente produzir um sentimento forte e aterrador¹¹.

Outros elementos da natureza são fontes de prazer, pois não representam perigo para a sobrevivência humana. O boi, por exemplo, é forte, mas como não traz perigo ao homem não é sublime. Um cisne ou uma flor agrada o espírito e não é fonte de ameaça, o que os tornam belos e não sublimes.

Diferentemente de Burke, em suas *Observações*, Kant está mais interessado em estabelecer tipologias comportamentais dos seres humanos. Assim, as pessoas que agem por um princípio e mantêm-se coerentes em relação a esse princípio são

⁹ Edmund Burke. *Uma investigação filosófica sobre a origem de nossas ideias do sublime e do belo*. Trad. Enid Abreu Dobránszy. (Campinas, SP: Papirus, Editora da Unicamp. 1993), 51.

¹⁰ Cfr. Burke. *Uma investigação filosófica sobre a origem de nossas ideias do sublime e do belo*., 48.

¹¹ Cfr. Burke. *Uma investigação filosófica sobre a origem de nossas ideias do sublime e do belo*, 72, 89, 90.

sublimes autênticas; já as que agem com disciplina e firmeza, mas buscando satisfazer os próprios interesses, são sublimes cintilantes; as que agem apenas pelo amor à hora são sublimes nobres; e por fim, as que agem por impulsos benevolentes, mas são emocionalmente instáveis, são belas. O sublime está fundamentalmente no comportamento dos sujeitos, o que leva o autor a afirmar que “a cólera de um homem temível, como Aquiles na Ilíada, é sublime¹²”.

Contudo, em Kant, determinados objetos existentes na natureza também são fontes dos sentimentos do belo ou do sublime. O belo é aquilo que agrada e produz alegria, como “a vista de um prado florido, vales com regatos sinuosos, com rebanhos pastando (...) tapetes de flores (...), o dia resplandecente” (Kant, 1993, p. 22). O sublime é o que agrada, mas também aterroriza: “a vista de uma cordilheira, cujos cumes nevados se elevam acima das nuvens (...) grandes carvalhos e sombras isoladas num bosque sagrado.¹³”.

Essa visão da natureza selvagem e perigosa como fonte do sublime estimulou uma importante mudança de atitude em relação ao mundo natural. Antes, a natureza deveria ser transformada em coisas úteis para os seres humanos ou deveria ser erradicada; agora, surgiu uma terceira opção, com a possibilidade de a natureza selvagem ser fonte de deleite estético.

A perspectiva do enfrentamento da natureza ganhou força maior com a industrialização capitalista, quando ela foi vista como um obstáculo ao progresso econômico. Keith Thomas cita um instrutivo exemplo dessa concepção na Inglaterra do século XVIII:

John Houghton escreveu um ensaio para provar como seria bom que não houvesse nenhuma árvore num raio de 32 quilômetros de qualquer rio navegável. Em 1712, John Morton observava, com prazer, que havia muito poucas matas em Northamptonshire: “num lugar habitado por gente civilizada”, as árvores não podiam crescer. Deviam dar lugar a campos e pastagens, de uso e de interesse mais imediatos para a vida¹⁴.

¹² Emmanuel Kant. *Observações sobre o Sentimento do Belo e do Sublime. Ensaio sobre as doenças mentais*. Tradução: Vinícius de Figueiredo. (São Paulo: Papirus, 1993), 26.

¹³ Cfr. Kant. *Observações sobre o Sentimento do Belo e do Sublime. Ensaio sobre as doenças mentais*, 1993, 21.

¹⁴ Keith Thomas. *O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800)*. (São Paulo: Companhia das Letras, 2010), 278-279.

Contudo, ao lado dessa visão de enfrentamento da natureza ou de dominá-la para fins utilitaristas, surgiu uma nova sensibilidade que passou a admirar as coisas naturais. Por exemplo, ao lado dos animais selvagens, que deveriam ser amansados ou eliminados, ou dos animais domésticos, que deveria ser explorados economicamente, surgiu a figura do “bicho de estimação, criado por razões não utilitárias¹⁵”.

Essa nova sensibilidade estimulou uma nova atitude em relação ao mundo selvagem. As poucas matas preservadas na Inglaterra “deixaram de atemorizar, para se tornarem valiosa fonte de deleite e inspiração¹⁶”. O mesmo aconteceu com as montanhas:

As montanhas que em meados do século XVII eram odiadas como estéreis “deformidades”, “verrugas”, “furúnculos”, “monstruosas excrescências”, “refugio da terra”, “pudenda da natureza”, tinham-se transformado, cerca de um século depois, em objetos da mais elevada admiração estética¹⁷.

Essa apropriação da natureza selvagem para fins estéticos foi analisada por Georg Simmel a partir do surgimento da consciência da paisagem. A ausência da paisagem é típica de sociedade em que não se consegue separar determinados elementos da natureza para a contemplação estética. Quando não se visualiza a paisagem, tudo é simplesmente mato, sertão, deserto. Da mesma forma que um monte de livros não forma uma biblioteca, uma porção de natureza não forma uma paisagem.

Para a consciência da paisagem é necessário individualizar uma parte da natureza – um rio, uma montanha, um bosque – e dotá-la de sentido. Desse modo, “Ver como paisagem uma parcela de chão com o que ele comporta significa então, por seu turno, considerar um excerto da natureza como unidade – o que se afasta inteiramente do conceito de natureza¹⁸.” Essa concepção de Simmel da paisagem como um recorte da natureza é similar a de Anne Cauquelin: “pela janela pintada sobre a tela ilusionista vemos aquilo que se deve ver – a natureza das coisas mostradas na sua ligação. Então, aquilo que vemos não são as coisas, isoladas, mas a ligação entre

¹⁵ Cfr. Thomas. *O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais*, 273.

¹⁶ Keith Thomas. *O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais*, 301.

¹⁷ Keith Thomas. *O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais*, 366.

¹⁸ Georg Simmel. *A Filosofia da Paisagem*. Trad. Artur Morão. (Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2009), 6. Disponível em: http://www.lusosofia.net/textos/simmel_georg_filosofia_da_paisagem.pdf Acessado em 17 set. 2018.

elas, ou seja, uma paisagem¹⁹." A paisagem, conforme Simon Schama é "cultura antes de ser natureza; um constructo da imaginação projetado sobre mata, água, rocha²⁰".

Portanto, a paisagem surgiu no alvorecer da modernidade, no século XVI quando se olhou para a natureza, não procurando só destruí-la ou subjugar-la, mas apropriá-la esteticamente, por meio da categoria do sublime. Isso trouxe muitas consequências práticas. Na arte, a natureza, principalmente pelos românticos, tornou-se fonte de inspiração, surgindo quadros sobre rios, montanhas e florestas. Na vida cotidiana, houve uma valorização não utilitária da natureza, intensificando o cultivo de flores e a adoção de animais de estimação, e a utilização dos rios, cachoeiras e praias como locais de lazer. No âmbito dos séculos XVIII e XIX, essa nova sensibilidade estimulou a viagem de cientistas e exploradores para os recônditos do mundo, em busca da natureza sublime. As descrições sobre o Rio Araguaia constituem um exemplo dessa nova sensibilidade.

O RIO ARAGUAIA NAS NARRATIVAS DE CUNHO ESTÉTICO

O rio Araguaia nasce na Serra do Caiapó, na divisa de Goiás e Mato Grosso, percorrendo também os estados de Tocantins e Pará, numa extensão de mais de 2.000 km até desaguar no rio Tocantins. Para Goiás, desde a época colonial o rio era estratégico para a administração política, por ser um caminho fluvial que possibilitava chegar ao oceano, no litoral do Pará. Diante disso, a Coroa Portuguesa, preocupada com o contrabando de ouro, proibiu a navegação nos rios Araguaia e Tocantins. Com a diminuição da produção aurífera, a partir do final do século XVIII, a Coroa mudou a sua política em relação ao rio, estimulando a navegação e a ocupação agrícola de suas margens. Durante praticamente todo o século XIX, os presidentes da Província insistiram na navegação do Araguaia-Tocantins como forma de dinamização econômica de Goiás, culminando com a implementação, em 1868, da navegação a vapor, num empreendimento de Couto de Magalhães. Apesar de certa euforia com a navegação a vapor, ela não se tornou rentável a médio prazo e foi desativada em 1888,

¹⁹ Anne Cauquelin. *A invenção da paisagem*. (Lisboa: Edições 70, 2008), 64.

²⁰ Simon Schama. *Paisagem e Memória*. (São Paulo: Companhia das letras, 1996), 70.

diminuindo a esperança de que a navegação dos rios seria a tábua de salvação da economia de Goiás.

Não se trata de saber se a navegação é ou não dificultosa; trata-se sim, de sua conveniência. Quando é que um meio comercial convém? Todos sabem que é quando dá lucro. Desde que se demonstre que o transporte por via do Araguaia é muito mais barato do que outro qualquer meio, está demonstrado que o Araguaia é o melhor dos meios de transporte²¹.

Ao lado dessa visão utilitarista do rio Araguaia, surgiu uma outra representação que valorizava a beleza estética do rio. No século XIX, no contexto da consolidação do capitalismo e do desenvolvimento científico, a natureza deixou de ser percebida como maravilhosa e passou a ser vista como fonte de lucros ou objeto da ciência²². Essa nova representação pode ser mapeada nos relatos de expedicionários que percorreram o rio, ajudando a moldar um nova representação da natureza. Desse modo,

Com o apoio e a anuência dos governos, a progressiva presença de estrangeiros contribuiu para a construção de um novo discurso sobre a natureza, bem como para a consolidação de uma nova forma de observá-la. Esses atores, como outros antes deles, deslumbraram-se com a singularidade da flora e da fauna tropical. Entretanto, dessa vez, suas formas de narrar ou de representar tais aspectos do ambiente brasileiro correspondiam a um novo modo de olhar a paisagem, relacionando a um imaginário informado por repertórios científicos, mas nem por isso destituído de poesia e sensibilidade²³.

No caso do Araguaia, é possível encontrar “poesia e sensibilidade” em vários relatos dos expedicionários e artistas que se encantaram pelo rio. Inicialmente sutil e esparsa, no século XIX, a visão poética torna-se dominante no século XX. Entre um século e outro, o rio gradativamente deixou de despertar somente os interesses de políticos, cientistas e militares, para fascinar artistas e turistas.

Um dos expedicionários do século XIX que conheceu o rio Araguaia foi o naturalista inglês François Louis Nompard de Caumont LaPorte, mais conhecido por conde de Castelnau, que esteve em Goiás em 1844, descendo pelo Araguaia e subindo

²¹ José Vieira Couto de Magalhães. *Viagem ao Araguaia*. (São Paulo: Editora Três, 1974), 62.

²² Pepita Afiune e Eliézer C. de Oliveira. “Do maravilhoso ao desencantamento: Olhares sobre a natureza no cerrado nos séculos XVIII e XIX”. In. *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais - RBHCS* Vol. 7 Nº 14, (2015), 311. Disponível em: <https://www.rbhcs.com/rbhcs/article/view/235/pdf>

²³ Cleber Dias. *Epopeias em dias de prazer: uma história do lazer na natureza (1779- 1838)*. (Goiânia: Editora da UFG, 2013), 53.

pelo Tocantins. Quando se deparou com o rio Araguaia, encantou-se com o cenário: “pela tranquilidade das águas, magnífico era o aspecto desse lugar do belo rio em que acabávamos de entrar²⁴.” Tendo como parâmetros os rios europeus, o inglês assombrou-se com a grandiosidade do rio, o qual descreve com uma dimensão oceânica.

Mesmo aos nossos pés, o magnífico rio se dividia em dois vastos braços que limitavam a ilha, e a que dão o nome de furos. Pelo volume das águas que tínhamos a nossa frente e pela praia arenosa em que nos achávamos, dir-se-ia termos chegado a alguma costa oceânica²⁵.

A expressão “magnífico rio” é indicativa da presença do sublime no relato do viajante inglês. De acordo com Burke²⁶ “uma grande profusão de coisas esplêndidas e preciosas em si mesmas é magnífica”. O rio Araguaia, como o mar, demonstra a pequenez do homem diante da magnificência da natureza.

Os relatos de Castelnau sobre o rio Araguaia são documentos da nova sensibilidade mapeada por Keith Thomas²⁷, na Inglaterra, a partir do século XVIII, quando “as classes educadas vieram a atribuir importância sem precedentes à contemplação da paisagem e à apreciação do cenário rural”, pois um gosto pitoresco difundiu-se entre os estudantes e pesquisadores que viajavam tanto para o litoral como para as montanhas. E o “mais notável, nesse gosto, era que o cenário mais admirado já não era a paisagem fértil e produtiva, mas a selvagem e romântica. Por isso, haveria um interesse crescente em preservar a natureza inculta como uma indispensável fonte de riqueza espiritual²⁸”. De certo modo, isso contextualiza o deleite de Castelnau, ao contemplar as praias do Araguaia:

A vegetação das margens do rio era muito espessa, mas formada ordinariamente de árvores pouco elevadas. Na estação em que estávamos as águas deixavam a descoberto belas praias de areia perfeitamente alva, e povoadas de aves que se deixavam aproximar muito perto, voando depois todas juntas debaixo de grandes gritos. A superfície do rio era às vezes agitada

²⁴ Francis Castelnau. *Expedição às regiões centrais da América do Sul*. (Belo Horizonte; Rio de Janeiro: Itatiaia, 2000), 164.

²⁵ Castelnau. *Expedição às regiões centrais da América do Sul*, 165.

²⁶ Edmund Burke. *Uma investigação filosófica sobre a origem de nossas ideias do sublime e do belo*. Trad. Enid Abreu Dobránszy. (Campinas, SP: Papirus, Editora da Unicamp. 1993), 84.

²⁷ Keith Thomas. *O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800)*. (São Paulo: Companhia das letras, 2010), 377.

²⁸ Thomas. *O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais*, 378.

pela nadadeira dorsal de enormes peixes, ou senão pelo aparecimento de algum monstruoso jacaré²⁹.

Areias alvas, galeria de árvores, gorjear de aves, a agitação dos peixes e a presença grotesca do jacaré conferiam, a princípio, um ar bucólico à cena visualizada por Castelnau. Contudo, ao se olhar com mais atenção à descrição, percebe-se a presença de adjetivos que denotam um poder e magnificência da natureza agreste, com uma vegetação *muito espessa*, com aves que soltavam *grandes gritos* e com um *monstruoso* jacaré. A natureza encanta, mas, de certa forma, assusta, conferindo um ar sublime à narrativa.

Outro entusiasta do rio Araguaia no século XIX foi José Vieira Couto de Magalhães, Presidente da Província de Goiás (1863/64), que deixou suas impressões registradas no livro *Viagem ao Araguaia*, publicado em 1863. Como empresário visionário, estava interessado nas potencialidades econômicas da navegação do rio: “estou convencido de que principalmente do Araguaya depende não só a prosperidade desta Província, como também a navegação de todo o centro do Brasil³⁰”, mas isso não o impediu de se encantar com as belezas naturais do rio.

Ao contrário de Castelnau, Couto de Magalhães conhecera os grandes rios do Brasil, mas entre todos os rios que visitou, em sua opinião, nenhum oferecia nem de longe “a majestade do Araguaia”:

Suas águas estendem-se na largura de 500 braças; essa massa gigantesca desce toda por igual ao longo do enorme leito, sem se ver uma torrente mais apressada em seu veio, de modo que parece antes um corpo sólido e orgânico, do que uma porção de líquido.

Há na grandeza dessas águas uma calma tão serena, como aquela que se observa no oceano visto ao longe.

O Araguaia corre ordinariamente entre praias de areia fina além das quais crescem zonas de mato, que o acompanham de uma e outra margem, as quais, para quem está dentro do rio, semelham orlas de junco, tão grande é a distância.

Aqui, o deserto é de uma majestade tão imponente, que assombra e abate o espirito.

²⁹ Francis Castelnau. *Expedição às regiões centrais da América do Sul*. (Belo Horizonte; Rio de Janeiro: Itatiaia, 2000), 164.

³⁰ José Vieira Couto de Magalhães. “Relatório apresentado à Assembleia Legislativa de Goiás.” (Goiás: Tipografia Provincial, 1863), 28. Disponível em: <http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/313/000028.html> Acessado em: 20 set. 2018.

Para qualquer parte que lancemos os olhos, enxergam-se planícies sem fim, que se vão tornando cada vez mais azuladas, até que de todo se confundem com o céu.

O menor obstáculo, o mais insignificante outeiro não encrespa a superfície da terra: tudo é vasto, majestoso é melancólico como o infinito³¹.

Como em Castelnau, a visão de Couto Magalhães da natureza do Araguaia é marcada pela grandiosidade, destacando a “massa gigantesca” das águas, comparável ao oceano, confirmado o preceito kantiano de que “é necessário ao sublime ser sempre grande³²”. A imponência da natureza “assombra e abate o espírito”, indicando um estado de ânimo comovido: “o rosto de um homem que experimenta integralmente o sentimento do sublime é sério, por vezes rígido e perplexo³³”, ao menos é essa a impressão de quem lê o seu relato.

Couto de Magalhães admirava a natureza selvagem do Araguaia e a paisagem que se revelava. No relato, ora seu espírito vagueava naquela imensidão de mistérios e seu pensamento se perdia admirando o voo dos pássaros, outrora era o silêncio absoluto o que “apertava-lhe o coração”. Chegou a perguntar-se: “Que encerrarão estes desertos”? “Florestas virgens, ermas campinas, paludes, serras, rios caudalosos, valadas silentes, grotas profundas cujos ecos não foram ainda acordados senão pelo grito selvagem do índio, ou pelo urro medonho da pantera?”. Conclui seu pensamento afirmando que “Deus correu um véu sobre uma das obras mais grandiosas de sua criação”. E pergunta-se, quando seria exposta a todos, tamanha beleza? Ele próprio responde: “Deus, só Deus o sabe...”³⁴. O Araguaia para ele devia ser povoado e produtivo, mas preservando-se o belo para desfrute coletivo.

No século XX, surgiram outros relatos sobre a grandiosidade e beleza do Araguaia, como o do religioso dominicano frei Jacintho Lacomme, no qual demonstra grande apreço, por ocasião de sua passagem pelo rio em 1917.

Da sua beleza encantadora, que é que diremos senão que o Araguaia pode rivalizar com os rios mais formosos do mundo inteiro? Se há no mundo um rio

³¹ José Vieira Couto de Magalhães. *Viagem ao Araguaia*. (São Paulo: Editora Três, 1974), 94.

³² Emmanuel Kant. *Observações sobre o Sentimento do Belo e do Sublime. Ensaio sobre as doenças mentais*. Tradução: Vinícius de Figueiredo. (São Paulo: Papirus, 1993), 22.

³³ Kant. *Observações sobre o Sentimento do Belo e do Sublime. Ensaio sobre as doenças mentais*, 21.

³⁴ Magalhães, *Viagem ao Araguaia*, 95.

formoso, diremos com Escragnolle Taunay falando no Aquidauana de Mato Grosso, e com mais razão, certamente é o rio Araguaia. Quem o contempla, como nós o contemplamos tantas vezes, volvendo com uma majestade regia as suas águas, ora plácidas como um lago tranquilo, ora agitadas e convulsionadas como verdadeiramente massas oceânicas, por mil meandros ao longo de praias extensas e lindíssimas, de areias alvíssimas como as areias do mar, ou de ilhas verdejantes e perfumadas, afagando as suas ribas sombreadas por magníficas florestas virgens, orladas de altos e esbeltos juncos ou ondulantes e delicada relva; aqui abundantes fontes de cloreto de sódio nas quase completamente inapropriadas salinas de S. José; ali madeiras raras e preciosíssimas perdidas naquelas indescritíveis selvas; mais longe, campinas virentes onde pastam manadas de veados³⁵.

O relato de Lacomme, como os dos outros anteriores, destaca uma beleza majestosa do rio, mais uma vez, enfatizando a comparação do rio com o oceano, o que indica um provável conhecimento prévio dos escritos sobre o Araguaia. De acordo com Bachelard³⁶, a impressão de imensidão está em nós, pois,

A imensidão é, poderíamos dizer, uma categoria filosófica do devaneio. Sem dúvida, o devaneio se alimenta de espetáculos variados, mas por uma espécie de inclinação inata contempla a grandeza. E a contemplação da grandeza determina uma atitude tão especial, um estado de alma tão particular, que o devaneio põe o sonhador fora do mundo mais próximo, diante de um mundo que traz a marca do infinito³⁷.

Desse modo, Bachelard conclui que é por meio da contemplação que esta imensidão é intensificada. Ao lado do deleite estético, advindo da contemplação de “uma beleza encantadora” e das “praias extensas e lindíssimas”, de “ilhas verdejantes e perfumadas” e “magníficas florestas virgens”, aparece uma visão utilitarista, destacando, por exemplo, o cloreto de sódio e preciosas madeiras raras.

O jornalista paulista Hermano Ribeiro da Silva era também fascinado pelo rio Araguaia, ao ponto de se destacar como o primeiro repórter a percorrer todo o rio³⁸. Conheceu o Araguaia em 1932, escrevendo o diário de memória *Nos Sertões do Araguaia*, em que expressa sua admiração pelo *majestoso e histórico* rio. O seu olhar sobre o espaço *vazio* retratou uma natureza onde imperava a barbárie do “homem primitivo”, mas também a beleza de uma fauna e flora exuberantes da região central

³⁵ Jacintho Lacomme. “Memória Dominicana”. In *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás*, n. 3, (1917), 20.

³⁶ Gaston Bachelard. *A Poética do Espaço*. 2013, 198. In

<https://filosoficabiblioteca.files.wordpress.com/2013/11/bachelard-a-poc3a9tica-do-espaco.pdf>

³⁷ Bachelard. *A Poética do Espaço*. 2013, 216.

³⁸ Durval Rosa Borges. *Rio Araguaia, corpo e alma*. (São Paulo: Ibrasa, 1987), 125.

do Brasil. Ele descreve o Araguaia como um cenário de bela paisagem, relatando que “A limpidez do azul puríssimo do firmamento casa-se com a cor das mansas águas, distendidas entre orlas de infinitas e alvas praias de areia³⁹”. De acordo com Burke o sentimento de infinitude é causa “de nosso deleite em imagens sublimes⁴⁰”. Hermano Silva completa o seu relato, extasiado com a “serena majestade dos panoramas hieráticos”, devido ao Araguaia ser visto como uma região lendária e enredada de mistérios.

A partir da segunda metade do século XX, houve uma importante mudança na concepção sobre a natureza. A consciência crescente dos efeitos destrutivos da economia de mercado sobre o meio ambiente provocou a emergência e a consolidação dos ideais preservacionistas que refutaram as perspectivas utilitaristas e de enfrentamento da natureza. Agora, o mundo natural não representava perigo para a sobrevivência humana, e destruir gratuitamente o meio ambiente tornou-se uma prática criminosa; do mesmo modo, ele não poderia ser visto apenas como fontes de recursos imediatos, mas como um bem a ser usufruído pelas gerações futuras.

A expressão do sociólogo inglês Anthony Giddens “natureza humanizada⁴¹” descreve bem a nova relação dos seres humanos com o meio ambiente, pois agora a sobrevivência do meio ambiente depende das decisões e escolhas humanas. Até as selvas remotas, como a gigantesca Floresta Amazônica, precisam de medidas protetivas para não desaparecer diante da exploração econômica. Com isso, a natureza perdeu a sua “grandeza” diante do homem. Enquanto no alvorecer da modernidade, a natureza era colossal e o homem pequeno, no alvorecer da pós-modernidade acontece justamente o contrário. Diante desse novo contexto, o sublime, alimentado pela noção de grandeza da natureza, perdeu o seu vigor, passando a natureza a ser simplesmente bela, uma fonte de prazer, mas sem representar ameaça à sobrevivência humana.

³⁹ Hermano Ribeiro da Silva. *Nos Sertões do Araguaia*. (São Paulo: Saraiva, 1949), 49-50.

⁴⁰ Edmund Burke. *Uma investigação filosófica sobre a origem de nossas ideias do sublime e do belo*. Trad. Enid Abreu Dobránszy. (Campinas, SP: Papyrus, Editora da Unicamp. 1993), 84.

⁴¹ Anthony Giddens. *Para além da esquerda e da direita*. (São Paulo: Unesp, 1996), 119.

Um exemplo dessa nova concepção de natureza é a letra de uma canção de um comercial de uma rede de supermercados de Goiânia, difundido na década de 1990, sobre o rio Araguaia:

Chegou o mês, vai começar tudo outra vez
o bicho homem vem com sua traia
voando pra sujar o nosso Araguaia
Não jogue lixo na nossa casa
Essa beleza é pra todo mundo
oooo bicho homem
Vê se não arrasa⁴².

No comercial, os animais nativos do Cerrado apelam para que o “bicho homem” não degrade a beleza do “nosso Araguaia”. Ao contrário dos relatos anteriores, o rio perde a sua imponência oceânica e requer cuidado e atenção dos humanos para a sua preservação. Os comerciais de TV para serem efetivos tem que ser coerentes com o imaginário de uma época, o que indica, portanto, que essa nova visão sobre a fragilidade da natureza, era um fenômeno massificado.

Outro tipo de representação poética com bastante apelo popular foram as músicas populares sobre o Araguaia. Para o historiador Marcos Napolitano, “A música, sobretudo a chamada “música popular”, ocupa no Brasil um lugar privilegiado na história sociocultural, lugar de mediações, fusões, encontros de diversas etnias, classes e regiões que formam o nosso grande mosaico nacional⁴³”. Sobretudo, porque a música tem sido, ao menos em boa parte do século XX, a tradutora dos nossos dilemas nacionais e veículo de nossas utopias sociais. Desse modo “[...] ela conseguiu, ao menos nos últimos quarenta anos, atingir um grau de reconhecimento cultural que encontra poucos paralelos no mundo ocidental⁴⁴”.

As representações musicais mais antigas sobre o rio Araguaia, expressando uma mentalidade da população sertaneja, denotam ainda uma concepção de “natureza grande”, perigosa, capaz de colocar em risco a sobrevivência humana. É o caso da

⁴² Ernesto Augustus. “Propaganda da minha infância que ainda hoje marca”. (2011). Disponível em: <https://guiaecologico.wordpress.com/2011/08/03/propaganda-da-minha-infancia-que-ainda-hoje-marca/> Acessado em 17 set. 2018

⁴³ Marcos Napolitano. *História e Música: História cultural da música popular*. (Belo Horizonte: Autêntica, 2005), 7.

⁴⁴ Marcos Napolitano. *História e Música: História cultural da música popular*. (Belo Horizonte: Autêntica, 2005), 7.

famosa canção “Travessia do Araguaia”, de Tião Carreiro e Pardinho, composta em 1975.

Naquele estradão deserto, uma boiada descia
Pras bandas do Araguaia pra fazer a travessia.
O capataz era um velho com muita sabedoria
As ordens eram severas, e a peonada obedecia.

O ponteiro moço novo, muito desembaraçado
Mas era a primeira viagem que fazia nestes lados
Não conhecia os tormentos do Araguaia afamado
Não sabia que as piranhas eram um perigo danado.

Ao chegarem na barranca disse o velho boiadeiro,
Derrubamos um boi n'água deu a ordem ao ponteiro
Enquanto as piranhas comem, temos que passar ligeiro,
Toque logo este boi velho que vale pouco dinheiro.

Era um boi de aspa grande já roído pelos anos.
O coitado não sabia do seu destino tirano
Sangrado por ferroadas no Araguaia foi entrando,
As piranhas vieram loucas e o boi foram devorando.

Enquanto o pobre boi velho ia sendo devorado,
A boiada foi nadando e saiu do outro lado,
Naquelas verdes pastagens tudo estava sossegado,
Disse o velho ao ponteiro, pode ficar descansado

O ponteiro revoltado disse que barbaridade,
Sacrificar um boi velho pra que esta crueldade.
Respondeu o boiadeiro aprenda esta verdade,
Que Jesus também morreu pra salvar a humanidade⁴⁵.

A canção vale-se de imagens que realçam os “tormentos do Araguaia afamado”, principalmente das vorazes piranhas, evocando o sublime, pois “todas as privações em geral são grandiosas, porque são todas terríveis⁴⁶”. O dilema da canção é que, diante da periculosidade da natureza, o sertanejo precisa ser bruto como a própria natureza. A sobrevivência requer medidas duras, como o sacrifício do velho boi para salvar o rebanho.

Contudo, a música “Travessia do Araguaia” é uma exceção, uma sobrevivência de uma concepção crua da natureza típica do século XIX e primeira metade do século

⁴⁵ Tião Carreiro e Pardinho. “Travessia do Araguaia”, (1975). Disponível em: <https://www.letras.mus.br/tiao-carreiro-e-pardinho/807032/> Acessado em 17 set. 2018.

⁴⁶ Edmund Burke. *Uma investigação filosófica sobre a origem de nossas ideias do sublime e do belo*. Trad. Enid Abreu Dobránszy. (Campinas, SP: Papyrus, Editora da Unicamp. 1993), 76.

XX. O que predomina nas melodias sobre o Araguaia é uma visão idealizada da natureza, cuja beleza bucólica é apropriada pelos seres humanos. É o caso, por exemplo, da música “Canoeira do Araguaia”, das Irmãs Freitas, cuja protagonista é uma jovem ribeirinha que navega pelo rio, em sua canoa, contemplando a singeleza da população indígena:

Contemplando a tardezinha meu remo não atrapalha
Vejo um lindo carajá sozinho nas brancas praias
Aquele rosto trigueiro onde a beleza desmaia
Meu nome ele fala bem canoeira do Araguaia⁴⁷.

A aparente atração romântica entre a “canoeira” e o indígena de carajá é um indicativo do belo, pois como afirma Kant “o gracejo encantador e a intimidade eleva (...) o colorido do belo⁴⁸”.

As belezas do rio são realçadas também na canção de Marcelo Barra, “Meu Araguaia”, cujo título evoca a perspectiva de Giddens da natureza humanizada. Um trecho da canção realça as belezas do lugar:

Longas noites, madrugadas
Quanta beleza pra um só lugar
Água limpa a se perder
Não, não volta nunca mais.
(...)
Meu Araguaia
Suas areias cobriram meus pés
Seu encanto fez do pranto
Um acalanto pra nós dois⁴⁹.

Na canção de Marcelo Barra, a natureza do Araguaia não representa um perigo para a sobrevivência humana e nem é fonte de riqueza econômica. É simplesmente uma beleza para ser apreciada, como um quadro. O rio, levando-se em conta a perspectiva de Simmel, deixa de ser “natureza” e se torna “paisagem”, uma construção individualizada para propiciar deleite estético aos seres humanos. É esta também a

⁴⁷ Irmãs Freitas. “Canoeira do Araguaia” (1978). Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/irmas-freitas/1530344/> Acessado em 17 set. 2018.

⁴⁸ Emmanuel Kant. *Observações sobre o Sentimento do Belo e do Sublime. Ensaio sobre as doenças mentais*. Tradução: Vinícius de Figueiredo. (São Paulo: Papyrus, 1993), 26.

⁴⁹ Marcelo Barra. “Araguaia”. (1981). Disponível em: <https://www.lettras.com.br/marcelo-barra/araguaia> Acessado em 17 set. 2018.

perspectiva da música “Jeito goiano”, de Amauri Garcia (2013), que realça o por do sol, uma das mais icônicas representações do Rio Araguaia:

Nosso rio Araguaia é minha segunda casa
Olho pro seu sol poente
Vermelho que nem a brasa
Sou goiano de corpo e alma
Sou de cultivar a calma
Pescando na água rasa⁵⁰.

As canções representam o que Bachelard⁵¹ denominou de “o poder da imaginação poética”, ou seja, a capacidade inventiva da poesia para mostrar novos tipos de visões. No caso do Araguaia, as canções mais recentes inventaram uma beleza bucólica do rio, coerente com a nova representação da natureza na contemporaneidade.

CONCLUSÃO

Este mapeamento panorâmico sobre as narrativas sobre o rio Araguaia propicia mostrar o impacto das forças das representações estéticas. A natureza é vista pelos seres humanos, não só como ameaça ou como recurso natural, mas é apropriada também esteticamente. A força das imagens pictóricas da paisagem inspira belos relatos pessoais e a construção de poesias. Contudo, a apreciação estética tem que ser analisada historicamente, já que a mesma é tributária das estruturas sociais.

A partir do século XVIII, quando as descobertas científicas mostraram a imensidão da natureza, ganhou corpo a categoria do sublime. O sublime demonstra o fascínio pelo pitoresco paralelamente ao medo das potencialidades da natureza. A natureza é fascinante, mas é perigosa. Nesse sentido, o sublime possibilita contextualizar as narrativas de Castelnuovo, Couto de Magalhães, Jacintho Lacomme, Hermano Ribeiro da Silva e, mais recentemente, Tião Carreiro e Pardinho.

⁵⁰ Amauri Garcia. “Jeito Goiano” (2013). Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/amauri-garcia/jeito-goiano.html> Acessado em 17 set. 2018.

⁵¹ Gaston Bachelard. A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria. (São Paulo: Martins Fontes, 1997), 18.

A partir da segunda metade do século XX, quando a urbanização, a industrialização e a expansão demográfica ganhou corpo no globo, a natureza perdeu a sua força e vigor. A natureza tornou-se frágil diante da humanidade. Por isso, as produções estéticas realçaram a beleza bucólica do meio ambiente. No caso do Rio Araguaia, surgiram relatos que realçam a sua beleza, mas sem focar na sua grandiosidade ou periculosidade, como as canções das Irmãs Freitas, Marcelo Barra e Amauri Garcia.

Essa mudança de representação é coerente com a mudança de práticas. Antes o rio era visto como potencial estimulador da economia goiana, por meio da navegação e da exploração agropecuária de suas margens. Agora, o rio é visto como “praia dos goianos”, portador de uma beleza que estimula o turismo de lazer. Essa nova forma de ver o rio como praia dos goianos pode ser percebida nas inúmeras manchetes dos jornais de Goiás, denominado também como Rota do Sol, Praia do Cerrado e Mar dos Goianos. Anualmente, ao se aproximarem as férias de julho, aparecem sutilmente palavras de ordem nos jornais, divulgando a temporada no Araguaia, tais como: “arrume as malas”, “venha conosco”, “programe-se, “fique por dentro”⁵².

Portanto, nessas duas maneiras de se apropriar do rio, percebe-se a força das representações estéticas, dentre as várias outras formas de representação em disputa sobre o Araguaia.

REFERENCIAS

Amauri Garcia. “Jeito Goiano” (2013). Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/amauri-garcia/jeito-goiano.html> Acessado em 17 set. 2018.

Anne Cauquelin. *A invenção da paisagem*. (Lisboa: Edições 70, 2008), 64.

Anthony Giddens. *Para além da esquerda e da direita*. (São Paulo: Unesp, 1996), 119.

⁵² Carla Edieni da Silva Alves. “Rio Araguaia: de Utopia de Salvação à Praia dos Goianos”. (Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais e Humanidades, Universidade Estadual de Goiás, 2017), 107.

Carla Edieni da Silva Alves. “Rio Araguaia: de Utopia de Salvação à Praia dos Goianos”. (Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais e Humanidades, Universidade Estadual de Goiás, 2017).

Cleber Dias. *Epopeias em dias de prazer: uma história do lazer na natureza (1779-1838)*. (Goiânia: Editora da UFG, 2013), 53.

Durval Rosa Borges. *Rio Araguaia, corpo e alma*. (São Paulo: Ibrasa, 1987), 125.

Edmund Burke. *Uma investigação filosófica sobre a origem de nossas ideias do sublime e do belo*. Trad. Enid Abreu Dobránszy. (Campinas, SP: Papirus, Editora da Unicamp, 1993).

Ernesto Augustus. “Propaganda da minha infância que ainda hoje marca”. (2011). Disponível em: <https://guiaecologico.wordpress.com/2011/08/03/propaganda-da-minha-infancia-que-ainda-hoje-marca/> Acessado em 17 set. 2018

Francis Castelnau. *Expedição às regiões centrais da América do Sul*. (Belo Horizonte; Rio de Janeiro: Itatiaia, 2000), 164-165.

Gaston Bachelard. *A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria*. (São Paulo: Martins Fontes, 1997), 18.

Gaston Bachelard. *A Poética do Espaço*. 2013, 198,216. In <https://filosoficabiblioteca.files.wordpress.com/2013/11/bachelard-a-poc3a9tica-do-espaco.pdf>

Georg Simmel. *A Filosofia da Paisagem*. Trad. Artur Morão. (Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2009), 6. Disponível em: http://www.lusosofia.net/textos/simmel_georg_filosofia_da_paisagem.pdf Acessado em 17 set. 2018.

Hermano Ribeiro da Silva. *Nos Sertões do Araguaia*. (São Paulo: Saraiva, 1949), 49-50.

Irmãs Freitas. “Canoeira do Araguaia” (1978). Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/irmas-freitas/1530344/> Acessado em 17 set. 2018.

Jacinto Lacomme. “Memória Dominicana”. In *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás*, n, 3, (1917), 20.

José Vieira Couto de Magalhães. “Relatório apresentado à Assembleia Legislativa de Goiás.” (Goiás: Tipografia Provincial, 1863), 28. Disponível em: <http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/313/000028.html> Acessado em: 20 set. 2018.

José Vieira Couto de Magalhães. *Viagem ao Araguaia*. (São Paulo: Editora Três, 1974), 62, 94,95.

Keith Thomas. *O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800)*. (São Paulo: Companhia das letras, 2010), 278-279,301,366,377,378.

Marcelo Barra. “Araguaia”. (1981). Disponível em: <https://www.letras.com.br/marcelo-barra/araguaia> Acessado em 17 set. 2018.

Márcia Terezinha Brunatto Bittencourt. “A presença de Jean François Duliez na música em Goiás”. (Dissertação de Mestrado em Música na Escola de Música e Artes Cênicas, Universidade Federal de Goiás, 2008), 45.

Marcos Napolitano. *História e Música: História cultural da música popular*. (Belo Horizonte: Autêntica, 2005), 7.

Pedro Sússekind. *Posfácio, Schiller e a atualidade do sublime*. In. *Friedrich Schiller: do sublime ao trágico*. (Belo Horizonte: Autêntica, 2011), 81.

Pepita Afiune e Eliézer C. de Oliveira. “Do maravilhoso ao desencantamento: Olhares sobre a natureza no cerrado nos séculos XVIII e XIX”. In. *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais - RBHCS Vol. 7 N° 14*, (2015), 311. Disponível em: <https://www.rbhcs.com/rbhcs/article/view/235/pdf>

Remo Bodei. *As formas da beleza. Trad. Antônio Angonese*. (Bauru: Edusc, 2005), 117.

Simon Schama. *Paisagem e Memória*. (São Paulo: Companhia das letras, 1996), 70.

Tião Carreiro e Pardinho. “Travessia do Araguaia”, (1975). Disponível em: <https://www.letras.mus.br/tiao-carreiro-e-pardinho/807032/> Acessado em 17 set. 2018.

Between the Sublime and the Beautiful: The Aesthetic Representations About the Araguaia River

ABSTRACT

The objective of this article is to analyze the aesthetic representations about the Araguaia River. The hypothesis is that the aesthetic narratives on the river, in the nineteenth century until the first half of the twentieth century, were worth the aesthetics of the sublime; after the second half of the twentieth century, when nature became, to use a humanized expression of Anthony Giddens, the aesthetic accounts of the river emphasized bucolic beauty. The reflection on the beautiful and the sublime was based on the writings of Edmund Burke and Emmanuel Kant; on the representation of nature, used texts by Georg Simmel and Keith Thomas. The sources for the analysis of the representations were reports (such as those of Conde de Castelnau, Couto de Magalhães, Jacintho Lacomme and Hermano Ribeiro da Silva) and songs about the Araguaia river (composed by Tião Carreiro e Pardinho, Irmãs Freitas, Marcelo Barra and Amauri Garcia).

Keywords: Rio Araguaia; Beautiful; Sublime; Nature.

Recibido: 15/05/2018
Aprobado: 15/08/2018